



9º Encontro Internacional de Política Social
16º Encontro Nacional de Política Social
Tema: A Política Social na Crise Sanitária revelando Outras Crises
Vitória (ES, Brasil), 13 a 15 de junho de 2023

Eixo: Serviço social: fundamentos, formação e trabalho profissional.

Serviço Social e Conservadorismo: Neofascismo, Neoliberalismo e irracionaisistas

Jhony Oliveira Zigato¹

Maria Angelina B. de Carvalho de A. Camargo²

Mônica Paulino de Lanes³

Resumo: A comunicação oral em tela visa refletir sobre a herança conservadora do Serviço Social no âmbito dos seus fundamentos para avançar na compreensão das tendências neoconservadoras da atualidade que afetam sistematicamente a profissão. A hipótese central: que o passado conservador da profissão se atualiza buscando novas bases legitimadoras com imposição irracionalista, fincadas nos esteios da ideologia neofascista e neoliberal que naturaliza a crise capitalista e a destruição dos direitos humanos conquistados pelos/as trabalhadores/as.

Palavras-chave: Conservadorismo. Serviço Social. Neofascismo. Neoliberalismo. Irracionalismo Social.

Social Work and Conservatism: Neo-fascism, Neoliberalism and Irrationalism

Abstract: The oral communication on screen aims to reflect on the conservative heritage of Social Work within its foundations to advance in understanding current neoconservative trends that systematically affect the profession. The central hypothesis is that the conservative past of the profession is updated by seeking new legitimizing bases with irrational imposition, rooted in the pillars of the neo-fascist and neoliberal ideology that naturalizes the capitalist crisis and the destruction of the human rights conquered by the workers.

Keywords: Conservatism. Social Work. Neofascism. Neoliberalism. Irrationality.

INTRODUÇÃO

Existe uma ofensiva neoconservadora na dinâmica da vida social de raiz irracionalista operado com tendências neofacistas como resposta à crise estrutural do capital em profusão a partir de 2008. Essa ofensiva tem incidências no Serviço Social, com a criminalização da “questão social”. Embebido no estilo de pensar *o social* desconectado da concretude material que envolve a produção capitalista. É nesse ambiente que são estabelecidas as condições favoráveis para requisições profissionais cada vez mais de cunho imediatistas e fragmentadas de intervenção na “questão

¹ Doutorando em Serviço Social e mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) . Professor do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). E-mail: jhony-zigato@ufvjm.edu.br.

² Doutora em Serviço Social e professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: mariaangelinacarvalho@uol.com.br.

³ Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: monicapaulinodelanes@gmail.com.

social”⁴, processada pelo intenso desmonte dos serviços sociais públicos. Acompanhado da *proletarização do trabalho profissional* (CAMARGO, 2021) com níveis degradantes nas condições e nas relações de trabalho. As incidências conservadoras na profissão não são novidades, considerando as determinações próprias da sociedade capitalista e a relação genética que vincula o Serviço Social com o pensamento conservador⁵ (Cf. NETTO, 2005; ESCORSIM NETTO, 2011; YAZBEK, 2018).

Para a reprodução das relações sociais burguesas são vitais a produção de comportamentos coisificados. É por esse quadro que se revela a função ideológica de ideias e comportamentos determinados por valores alienados, incorporados na cotidianidade, para a crescente psicologização da vida social (NETTO, 2005), que naturaliza a relação capital-trabalho e nega o “espírito revolucionário” do ser social (MARCUSE, 1978). Para assegurar o *modo capitalista de se comportar* (BARROCO, 2008) e conduzir a lógica mercantil de organização da sociabilidade, centrada na valorização da posse privada de bens materiais, o indivíduo torna-se objeto de *competitividade* e de *individualismo* para a contínua manutenção privada dos meios de produção. Em razão dessa determinação, a função ideológica da moral “[...] ao reproduzir, através de inúmeros mecanismos socioculturais, a ideia de que todos podem ascender socialmente, de que a posse de bens leva à felicidade e à liberdade, se utilizam do discurso da liberdade, por exemplo. (Ibidem, p. 72)⁶

Com isso queremos dizer que é em nome de uma suposta liberdade (liberal-burguesa) que o conservadorismo expõe sem pudor a intolerância, ações dogmáticas e o preconceito, dentre tantas outras ações que limite a *autonomia* do ser social e restrinja a sua capacidade de criar alternativas de transformação da realidade. Na atualidade o conservadorismo assume uma forma neoconservadora (Cf. BARROCO, 2022) e

⁴ O âmago de originalidade social da profissão é concebido pela necessidade de responder, de forma *contínua e sistemática*, as diversificadas manifestações da questão social (Netto, 2005).

⁵ O conservadorismo emerge como um contramovimento ao desenvolvimento da razão moderna com as revoluções burguesas, em sua prospecção revolucionária ante ao feudalismo e, que possibilitou a constituição de uma *consciência filosófica no qual o pensamento que concebe é o próprio homem* (MARX, 2012). No entanto, com as transformações estruturais da passagem do século XVII ao XIX, com o giro promovido com a Revolução Francesa, a partir de 1848, a burguesia opera estilosamente a *decadência ideológica* (Lukács, 1968) do pensamento racional, desenvolvendo o seu *irracionalismo moderno* (Ibidem) que atinge a totalidade da vida social.

⁶ A liberdade como valor ético e político nas sociedades de classes torna-se abstrata, alienada; alçando na sociedade capitalista a condição de *autonomia* como meio de emancipação do indivíduo no seio do projeto burguês (BARROCO, 2008)

ultraconservadora (Cf. RODRIGUES; MOTA, 2021) sustentadas nos esteios neofacistas e neoliberal. O que pode ser explicado como uma reação a agudização da crise capitalista, fato que impõe novas exigências de sustentação do projeto burguês sob o comando do capital financeiro. Servindo de ancora ideológica de legitimidade à destruição dos direitos humanos⁷ conquistados historicamente pelas/os trabalhadoras/res.

Para o debate atual do conservadorismo e suas tendências contemporâneas são fundamentais as categorias teóricas: Ideologia e Irracionalismo. Para Lukács (2018), a ideologia deve ser compreendida como expressão de uma elaboração intelectual da realidade e necessária à administração dos conflitos do ser social, desempenhando uma função social central nas sociedades de classes. O irracionalismo é uma “corrente fundamental e decisiva da filosofia reacionária dos séculos XIX e XX” (LUKÁCS, 1968, p. 10). Sua trajetória depende

do desenvolvimento da ciência e da filosofia, a cujas novas colocações reage de tal modo que converte o próprio problema em solução, proclamando a suposta impossibilidade de princípio de resolver o problema como uma forma superior de compreender o mundo. [...] nesta fuga e neste desvio da solução, nesta evasão ante uma resposta positiva, reside a “verdadeira” consecução da realidade, constituindo o traço característico decisivo do irracionalismo (LUKÁCS, 1968, p. 830).

Sendo assim, quais são os novos (velhos) problemas que se colocam à humanidade e que exige respostas? Sem dúvida a respostas é mesma: a produção social capitalista que aprofunda em níveis colossais a exploração do trabalho. Condensando desigualdades desmedidas a reprodução do ser social e com a elevação da superpopulação relativa, que aumenta na proporção em crise estrutural do capital se aprofunda. A crise, em curso, se manifestação na esfera das finanças e de forma acentuada promove a *semiparalisia na economia capitalista*, em que a medida de enfrentamento só pode ocorrer pela busca incansável e sem limites do capital por e mais-valia (CHESNAIS, 2013). O que, obviamente, não se efetiva sem elevar os níveis de exploração do trabalho e com a sua ampla devastação (Cf. ANTUNES, 2020).

Iamamoto (1998, p. 21) revela que nesse processo os dilemas do trabalho e da satisfação das necessidades sociais são ofuscados pela lógica mercantil das mercadorias e do dinheiro como propriedade do capital e, o resultado é a banalização da vida, “[...]”

⁷ Para saber mais sobre a história social dos direitos humanos ver: Trindade (2002); Mészáros (1993).

que se encontra na raiz da *questão social* na era das finanças, na qual o capital, em luta contra a sua crise, torna-se um “espectro de si mesmo” [...] oculta e dissimula na sua superfície aparente e sedutora o processo interior que gera e reproduz. É nessa raiz que o Serviço Social conservador e reacionário deita suas bases para reivindicar o desenvolvimento de uma atividade profissional empenhada em produzir respostas centradas no imediato e no pragmático. Negando a razão crítica⁸, para disciplinar e “integrar” mecanicamente a classe trabalhadora aos tempos de crise e de barbárie, por meio de sua naturalização. A denúncia do conservadorismo profissional no seio profissional que remonta os anos de 1960-1980 tem no III CBAS o seu marco histórico de grande relevância.

No calor e na potência do Congresso da virada, o exercício da análise crítica do Serviço Social brasileiro traz em si a constatação lúcida de que as conquistas não são estáticas e permanentes. São antes construídas na marcha das lutas de classes, em cujo interior o Serviço Social brasileiro se reinventou e se refez, com organizações plurais e democráticas e com firme direção nos propósitos que orientam a ruptura com o conservadorismo [...] (ELPÍDIO, 2021, p. 290).

É nesse âmbito que procuramos refletir sobre as tendências neoconservadoras na profissão a partir da pesquisa bibliográfica e, assim contribuir com as reflexões nesse campo de estudo, de debate e de resistências. O artigo está estruturado em dois eixos, a saber: 1) neoconservadorismo e irracionalismo no Brasil recente e; 2) Serviço Social e conservadorismo: traços elementares, incidências e desafios profissionais. O texto se encerra com breves considerações finais acerca dos elementos abordados.

1. NEOCONSERVADORISMO E IRRACIONALISMO NO BRASIL RECENTE.

Para entendermos o avanço do irracionalismo e do conservadorismo no Brasil é preciso primeiramente situá-los como parte do processo da decadência ideológica, categoria apresentada por Marx e Engels e interpretada por Lukács (2010), que pode ser descrita como o período em que os ideólogos burgueses produzem conhecimentos esvaziados de sua base material, numa explícita evasão da realidade social, com o objetivo de conservação da ordem do capital. Lukács (2010) demonstra a relação entre

⁸ Importante frisar que a ruptura profissional com o conservadorismo passa pelo reconhecimento do caráter de classe da “*questão social*” e pela incorporação da razão crítica dialética de Marx.

as distorções da ideologia⁹ e a evolução teórica ideológica da sociedade capitalista, como processo de amenização nas análises sociais que criticam a ordem burguesa. A concepção científica da decadência ideológica é uma apreensão imediatista e a-histórica, e a objetividade social é ignorada. A práxis social, em todas as suas determinações são apartadas do domínio da racionalidade. Neste sentido, o fragmentário, o microscópico, o transitório, o fatural não são percebidos como objetivação da reificação da sociedade capitalista “[...] O mediato é suprimido de qualquer inteligibilidade e instala-se a irrazão. Essas são pistas fundamentais para se chegar ao desvendamento das origens do irracionalismo contemporâneo” (EVENGELISTA, 2007, pg. 71).

Importante lembrar que os contextos de crise do capital são os contextos de emersão da decadência ideológica. A crise do capital de 2007/2008 recoloca no cenário da sociabilidade burguesa os elementos da decadência ideológica quando o irracionalismo assume novos contornos em todo o mundo. Assistimos após esse período uma escalada do neoconservadorismo¹⁰ e do neofascismo¹¹. O neoconservadorismo é uma ideologia e como tal refere-se à uma elaboração intelectual da realidade que consiste na conjugação dos valores do conservadorismo moderno (a tradição, a autoridade, o preconceito, a família patriarcal) com os ideais neoliberais (o utilitarismo moral, o individualismo, a competitividade, o empreendedorismo, o

⁹ Entendemos que ideologia não é apenas uma interpretação do real, e sim o processo em que a classe dominante utiliza de mecanismos para ocultar, naturalizar, inverter, justificar o real a seu favor (nas formas ideológicas também podem existir uma dimensão do real) e apresentar como interesse universal os interesses particulares. Por isso Marx afirma que as ideias dominantes são as ideias da classe dominante. Concordamos com Iasi (2007, p. 20-21), quando afirma que a “[...] ideologia não pode ser compreendida apenas como um conjunto de ideias que, pelos mais diferentes meios [...] são introduzidas na cabeça dos indivíduos. Isso levaria ao equívoco de conceber uma ação anti-ideológica como a simples troca de velhas por ‘novas’ ideias. Quando, numa sociedade de classes, uma delas detém os meios de produção, tende a deter também os meios para universalizar sua visão de mundo e suas justificativas ideológicas a respeito das relações sociais de produção que garantem sua dominação econômica [...]”.

¹⁰ A escalada do neoconservadorismo no mundo pode ser confirmada, também, através da eleição de Viktor Orban na Hungria em 2010; Donald Trump em 2016 nos EUA; de Bolsonaro no Brasil em 2018; de Boris Johnson na Inglaterra em 2019; e mais recentemente de Giorgia Meloni na Itália (2022), e a quase vitória de Le Pen na França também em 2022. Bem como através da invasão do Capitólio, nos EUA, em 06/01/2021; e na invasão da Esplanada dos Ministérios no Brasil em 08/01/2023.

¹¹ O uso do termo é controverso, por isso vale destacar que concordamos com Behring (2021) quando afirma que com o Governo Bolsonaro, parece que estivemos/estamos diante de um simulacro do fascismo, sendo que este pode ser entendido como o movimento ou regime que resulta da crise do capital entre as duas guerras mundiais, que pode ser caracterizado como uma ditadura aberta da burguesia exercida sem a mediação das instituições da democracia parlamentar. Assim, mesmo que não tenhamos vivenciado o fascismo em sua forma original, não elimina o fato de que estejamos sentindo na carne as consequências desse simulacro do fascismo.

privatismo, o desprezo pelos direitos humanos) amplamente incorporado no cotidiano da vida social em tempo de aprofundamento da barbárie social (BARROCO, 2022).

Assim, o neoconservadorismo como ideologia pressupõe a compreensão desta como um complexo social que tem a função de manusear os conflitos de classes gerados na dinâmica da produção social para legitimar a ordem. Esse processo expressa o fetichismo exacerbado das relações sociais e a negação das capacidades humano-genéricas conquistadas pelo ser social historicamente. É terreno privilegiado para o irracionalismo e o neofascismo, que desperta os instintos mais brutais e antissociais do gênero humano. O irracionalismo como expressão da decadência ideológica do pensamento social produzido pelo capitalismo contribuiu para a apreensão fragmentada dos processos sociais, anulando as contradições de classe e disseminando a cultura da apatia, do imobilismo e profundo desprezo a razão para despolitizar os conflitos e movê-lo ao campo da violência e do autoritarismo.

Para Barroco (2022) a legitimação do neoconservadorismo de feições fascistas pressupõe a existência de condições sociais favoráveis, dadas nos momentos de crise do capital, quando as tensões e a luta de classes se acirram, e o poder dominante utiliza mecanismos coercitivos para impor a ordem social. Para ela a extrema direita mundial está unida em torno de algumas premissas: o nacionalismo e o patriotismo; o resgate de tradições; o anticomunismo e o antisemitismo; o racismo e a xenofobia contra imigrantes e minorias. Há na vida cotidiana uma cisão entre “nós e eles” e uma exaltação da família patriarcal e de seus valores; e uma defesa da lei e da ordem; o anti-intelectualismo; a desarticulação do bem-estar público; a exclusão de grupos sociais minoritários e sua desumanização e/ou extermínio.

No Brasil após o Golpe parlamentar-jurídico-midiático de 2016, que culminou com o *impeachment* ilegal e imoral da Presidenta Dilma, assistimos à ascensão do neoconservadorismo, com expressões marcantes do neofascismo – o bolsonarismo. O anterior presidente brasileiro fez questão de ostentar orgulhosamente seu conservantismo e reacionarismo¹², e o seu flerte fascista, expressando todo o seu ódio por mulheres, negros, membros das comunidades LGBTQIA+, comunidades quilombolas e indígenas e demais segmentos sociais identificados como minorias. Barroco (2022) apresenta onze características que o bolsonarismo reproduz e que o

¹² Importante lembrar que uma das características do neoconservadorismo no Brasil é sua ligação com os elementos do fundamentalismo religioso e anticomunismo.

aproximam desse neoconservadorismo de traços fascistas, sustentando a tese do neofascismo na atualidade:

1) A referência à um passado mítico – que aqui aparece no mito de uma ditadura empresarial militar que não teria existido como tal. A construção de mitos (característica do irracionalismo e do fascismo) tem por objetivo subjetivar a história, transformando-a em verdades individuais, retomando outra característica do irracionalismo: o negacionismo em relação à ciência e à história. Por isso o recurso das *fakes news* foram utilizadas intensamente pelo governo Bolsonaro;

2) O anti-intelectualismo – marca dos regimes fascistas, expressa o desprestígio dado ao conhecimento acadêmico crítico, à cultura e à educação – que tem sido a marca da atual gestão federal, seja pela perseguição aos servidores da educação, ou processo de desfinanciamento da educação, com intuito de privatização;

3) A defesa da ordem – materializa-se no ataque moralista às conquistas dos movimentos de mulheres, negros, indígenas e da população LGBTQI+, que permeiam todas as ações de Bolsonaro e seus ministros;

4) A exclusão de grupos sociais em nome da ordem social – perseguição política dos movimentos de esquerda e demais movimentos populares e exclusão dos processos decisórios, uma das primeiras ações de Bolsonaro foi a extinção de número expressivo de conselhos de políticas sociais, que teve que ser revisto, por ser inconstitucional, mas não eliminou o processo de exclusão dos grupos sociais relacionados aos trabalhadores;

5) Ansiedade sexual – é algo notório nos pronunciamentos do governo Bolsonaro, é sistemática. A adesão a uma moral sexual machista e homofóbica explicitou-se com a divulgação do chamado “kit gay” e deturparam a discussão de gênero nas escolas;

6) Nacionalismo – se materializa na adesão às cores da bandeira brasileira (e na apropriação da própria bandeira que por um período se tornou a própria expressão do bolsonarismo), por parte dos apoiadores do governo, e nos lemas da campanha: “Brasil acima de tudo”;

7) A divisão entre “nós e eles” – para a autora, pelo menos desde as manifestações de 2013 e 2016, tal divisão é evidente, e é incentivada por Bolsonaro que estimula o ódio ao se colocar contra as instituições democráticas e contra a Constituição. As eleições presidenciais de 2022, bem como os atos antidemocráticos de 08 de janeiro 2023, evidenciaram ainda mais o grau dessa divisão e o quanto ela tem

custado à sociedade brasileira, isto porque ao estimular e dar aval à violência, Bolsonaro autoriza, quando presidente e depois de deixar o cargo, as manifestações de ódio, e até mesmo os casos de violência física, quando pessoas que anunciaram voto em Lula foram assassinadas em festas de aniversário ou dentro de igrejas;

8) A apropriação do ódio pelos agentes políticos de extrema direita – contribuem para turbinar os projetos do governo;

9) A desarticulação do bem público – sucateamento dos direitos sociais e trabalhistas e das políticas sociais pela ofensiva antidemocrática;

10) Culto da morte – ao lado do culto à violência e ao militarismo, o culto da morte é inerente ao projeto bolsonarista;

11) A salvação da pátria – requer a eliminação dos inimigos internos por meio da mobilização permanente é reafirmada pelo governo Bolsonaro e por seus seguidores reforçando a divisão fascista entre “nós” e “eles”.

O bolsonarismo expressa no Brasil um projeto de extrema direita com traços claros de fascismos e encontra parceiros e eco no mundo (como já apresentado acima) e deixa marcas profundas na sociedade brasileira, uma delas os mais de 600 mil mortos por Covid-19 no país, resultante não só do descaso e incompetência, mas de um projeto genocida em defesa dos interesses do capital. Fato que exigirá enfrentamentos para além da democracia burguesa, exigirá a voz alta e ativa das e dos trabalhadores em luta nas ruas. E mais uma vez lembramos aqui os atos de 08 de janeiro de 2023.

Toda explicitação (simbólica e física) de ódio acontece em meio ao processo de destruição dos parques direitos sociais e trabalhistas que foram construídos nas últimas décadas. As práticas do núcleo central do neoconservadorismo revelam a ofensividade ideopolítica da classe dominante, se colocando como a principal estratégia de enfrentamento da crise do capital no país, estratégia esta que se expressa através de um programa autoritário e antipopular que coaduna com os interesses do capital internacional, recuperando os traços históricos de nossa formação sócio-histórica, em particular da cultura autocrática (FERNANDES, 2006).

Destacamos que essas tendências neoconservadoras e neofascistas têm, infelizmente, certa capilaridade na sociedade, articulando-se com as características da formação sócio-histórica brasileira, e atinge não só os setores necessariamente articulados com tais tendências, há uma reprodução desse *ethos* em diversos níveis da

vida cotidiana, incluindo as relações de trabalho em que atuam os assistentes sociais (BARROCO, 2022).

2. SERVIÇO SOCIAL E CONSERVADORISMO: TRAÇOS ELEMENTARES, INCIDÊNCIAS E DESAFIOS PROFISSIONAIS.

O Serviço Social em sua origem tem uma relação histórica com o pensamento conservador, delineando os primeiros traços ideopolíticos dessa *especialização do trabalho na divisão social e técnica do trabalho* (IAMAMOTO, 1998) para atuar na esfera da reprodução social, por meio da prestação de serviços sociais. Essa relação revela, ainda, a forma como a profissão se comportou inicialmente na história da luta de classes, ao eleger princípios, valores, objetivos, concepções teóricas e recursos técnicos as requisições institucionais ante a “*questão social*” (Cf. IAMAMOTO, 1998; NETTO, 2005), fincado em princípios religiosos e conservados pela tradição e amplamente alimentado pelas ciências sociais conservadora.

Para Yamamoto (1997) a profissão emerge e progride no seio do conservadorismo, sendo este, concebido como um *movimento social* e um *estilo de pensamento* que abarca *dimensões teóricas e científicas*. Constituindo, assim, nos termos de Yazbek (2018), *a primeira matriz explicativa da realidade social e das atividades profissionais*. Trata-se da constituição no universo profissional de um *arranjo teórico-doutrinário* (IAMAMOTO, 1997) de cunho reformista, reacionário e mantenedor da ordem burguesa por meio de uma atividade com bases mais doutrinárias que científicas, o que fez com que o processo de ampliação do suporte técnico-científico da profissão ocorresse sob a influência dos progressos alcançados pelas ciências sociais dentro do espectro do pensamento conservador (particularmente da vertente norte-americana). Tal proposta estava voltada para uma ação educativa e organizativa entre o proletariado urbano, articulando o discurso humanista aristotélico-tomista adequado aos princípios da teoria da modernização nas ciências sociais. “[...] Este arranjo teórico-doutrinário oferece ao profissional um suporte técnico-científico, ao mesmo tempo em que preserva o caráter de uma profissão ‘especial, voltada para os elevados ideais de ‘serviço ao homem’”. (IAMAMOTO, 1997, p. 21).

Esse pressuposto analítico, posto pela autora, indica a funcionalidade profissional à reprodução e à manutenção das normas, dos ritos e dos processos que compõem o

mundo burguês e, que marcam os primeiros passos e longos anos da trajetória profissional na tradição conservadora. E, que, só será questionado e enfrentado com as novas alternativas construídas pelas/os/es profissionais ante a crise da autocracia burguesa no país¹³. A análise de crítica teórica realizada por Iamamoto (Cf. 1997¹⁴; 2018) sobre as relações genéticas entre a profissão e o conservadorismo são adensadas por Netto (2005), ao expor no plano histórico-cultural o lastro desse pensamento nas configurações e diferenciações que assumem no mundo europeu e norte-americano¹⁵. No primeiro estão as marcas do catolicismo social com o viés *anticapitalista*¹⁶ e, no segundo, o *individualismo liberal-burguês* e sem questionamento ao ordenamento burguês. Nas palavras do autor:

[existem] grandes determinações que vinculam numa mesma e ampla perspectiva teórico-cultural – a do pensamento conservador, com seu medular positivismo e seus traços pragmáticos e empiricistas – não podem subsumir a diferencialidade efetiva que peculiariza. [...] A síntese dessas diferenciações pode ser resumida da seguinte maneira: nas fontes ideológicas [...] do Serviço Social europeu, dado o *anticapitalismo romântico*, há um vigoroso componente de *apologia indireta* do capitalismo; nas fontes norte-americana, nem desta forma a ordem capitalista era objeto de questionamento. (NETTO, 2005, p. 115).

Os fundamentos dessa herança conferem traços particulares à ação profissional em que a “fonte de inspiração do pensamento conservador [é] [...] um modo de vida do passado, que é resgatado e proposto como uma maneira de interpretar o presente e como conteúdo de um programa viável para a sociedade capitalista” (IAMAMOTO, 1997, p. 22), estando presente a ótica restauradora e moralista do processo social (NETTO, 2005), mesmo em suas diferentes fontes conservadoras.

Escorsim Netto (2011) destaca que a partir das análises de Iamamoto e Netto, o debate profissional sobre a relação do Serviço Social com o pensamento conservador “tornou-se uma conquista da massa de conhecimentos desenvolvidos pelos intelectuais da profissão. “[...] e tanto que se tem reiteradamente afirmado que um

¹³ Para saber mais ver Netto (1998).

¹⁴ Importante destacar que Iamamoto (1997) ao inaugurar na bibliografia do Serviço Social brasileiro o debate sobre a herança conservadora da profissão e os seus fundamentos realiza a partir dos autores Mannheim, Robert Nisbet e José de Souza Martins.

¹⁵ Escorsim Netto (2011) apresenta uma contribuição importante ao estudo do pensamento conservador “clássico”, expõe os traços centrais do conservadorismo de Burke, Maistre, Bonald, Tocqueville e Durkheim.

¹⁶ Netto (2005) para essa afirmação, extrai de Lukács, as concepções de anticapitalista e apologia indireta.

Serviço Social crítico é função de uma inteira ruptura com o pensamento conservador” (Ibidem, p. 32-33).

Na atualidade esse debate precisa ser adensado para apanhar as suas manifestações na formação e no trabalho profissional. Considerando, de acordo com Rodrigues (2021, p. 47-48), “[...] que estamos diante de um novo tipo, muito distinto daquele que marcou a origem e o passado do Serviço Social no país em seu processo de *renovação*”. Para a autora, dois elementos são importantes e merecem destaques: 1) o legado do III CBAS e a construção de nova cultura profissional; 2) como esse legado é desafiado pela conjuntura política aberta em 2016 com a deposição da Presidenta Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro (explorado no item anterior), visto que se abre no país uma nova fase de dominação burguesa, onde estão articulados o reacionarismo, a inspiração filofascista e o ultraneoliberalismo.

Isto revela o Serviço Social em seu processo histórico e a forma como as alterações profissionais resultam da intricada integração entre transformações societárias (e seu reatamento na divisão social e técnica do trabalho) e o complexo (teórico, prático, político e cultural) constitutivo de cada profissão. Tal complexo envolve tendências e orientações profissionais diferenciadas. Nas palavras de Netto (1996, p. 89) “[...] é ingenuidade supor profissões como blocos e/ou identitários – praticamente todas estão vincadas por enorme diversidade, tensões e confrontos internos.

As mudanças em curso, modificaram as condições do trabalho profissional do assistente social reconfigurando as demandas socioprofissionais. São modificações que no seu núcleo revelam a intensa exploração do trabalho, com a incorporação de novas tecnologias de base digital; mudanças organizacionais e a aceleração nos ritmos de trabalho; o crescente desemprego, as terceirizações, os contratos precários de trabalho e, etc, associado, ainda ao desmonte sem precedentes das políticas sociais. Tudo se processa em tempos de negação da política, expressão do aprofundamento do neoliberalismo que estimula ao máximo o individualismo competitivo e que aponta para a humanidade para a barbárie.

Nesse movimento, assistentes sociais são capturados em sua subjetividade, reproduzindo uma consciência cada vez mais alienada dos processos sociais, levando-os a negar os “valores modernos como a igualdade, a liberdade e, sobretudo, a laicidade

da política e da moral” (RODRIGUES, 2021, p. 49). Para a autora, existem *três traços elementares do neoconservadorismo* nestes tempos são eles: *o engajamento ativo de militares na luta contra as conquistas e as reivindicações de mulheres, negros, índios e comunidade LGBTQIA+*.

O segundo é o *exacerbado relativismo cultural*. Podemos concluir que esse relativismo cultural possui em seu núcleo, critérios manipulatórios para impor “verdades absolutas” e que não podem ser questionadas, que não distinguem o discurso de ódio de uma simples opinião. “O *outro* não é visto apenas como um *estorvo*: para o *ethos* individualista, o *outro* é o inferno, como bem mostrou Sartre, pois ele pode colocar limites à liberdade individual” (BARROCO, 2008, p. 160). Fato que encontra terreno fértil na ampla e potente revolução digital promovida pela Indústria 4.0, que acompanha o capitalismo do tempo presente e, que traz dentre as inovações tecnológicas a *internet 5G e a inteligência artificial*. As redes e as mídias digitais são território “*sem lei e de lei absoluta*” para ecoar com maiores facilidades as vozes conservadoras, reacionárias, neofascistas e irracionistas e manipular. O último traço, para Rodrigues (2020), é o apelo a uma visão teocêntrica do mundo. O ultraconservadorismo toma a religião como fundamento, como um guia para a ação dos homens e do Estado, assim, a religião passa a ser reivindicada pelos conservadores como instrumento regulador e normatizador das relações sociais (Ibidem, p. 53).

Os impactos dessas tendências neoconservadoras no Serviço Social são largas e profundas, uma vez que os/as profissionais são chamados a intervir em conflitos de classes que envolvem vivências éticas que demandam escolhas de valor (Cf. BARROCO; BRITES, 2022) e, que devem, ser trazidas para campo da ação política do contrário “permanecem apenas como objeto de uma indignação que não transforma objetivamente a realidade” (Ibidem, p. 120). Vale destacar, que as profissões possuem relação com os projetos societários “na medida em que ambas têm estratégias definidas em relação ao atendimento de necessidades sociais, com direções éticas e políticas determinadas” (BARROCO, 2001, p. 66). O enfrentamento da “*questão social*” historicamente é marcado por medidas setoriais e ações fragmentadas, via políticas sociais, de cunho moralista e segregador da classe trabalhadora na sua maioria negra e extremamente empobrecida.

Dentre os legados, do III CBAS, está a compreensão crítica da “*questão social*” e

das políticas sociais de atenção aos trabalhadores/as, acompanhado do reconhecimento da importância da luta política na defesa dos direitos humanos (ainda que burgueses), precisam ser historicizados porque passa pela defesa da democracia como valor central e forma política, conforme o Código de Ética Profissional de 1993. Fato que permite articular, nos termos de Barroco (2012), “duas dimensões da profissão: a do exercício profissional institucional à da ação política coletiva vinculada aos processos de luta contra hegemônicos da sociedade brasileira” (BARROCO, 2012, p. 59).

As/os/es assistentes sociais presenciam, no cotidiano, as mais variadas formas de violação dos direitos humanos. O que exige competência teórica, técnica e política para abrir sulcos nos mecanismos reprodutores da discriminação e da opressão. Isto porque as tendências neoconservadoras tendem a reduzir a intervenção profissional a “mal definida, *escuta qualificada* das demandas apresentadas pelas(os) usuáries(os) dos serviços” (BARROCO; BRITES, 2022, p. 132). São por esses poros que as vozes neoconservadoras ecoam no cotidiano profissional e ganham formas. Nestes tempos de sangria aberta e luta contra a barbárie é fundamental combater as desigualdades, o patriarcado, o racismo institucional e religioso, a LGBTQIA+fóbico, a incitação à violência, a misoginia e todas as formas de opressões que o gênero humano produz. Que são de ordem ontológicas, logo podem ser superadas. É vital, ainda, a defesa do aborto seguro (descriminalizado, público e gratuito), do Estado laico e da intensa socialização da política (da grande política para lembra Gramsci). Tudo que o neoconservadorismo, de feição neofascista e reacionário detesta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse bojo, é importante considerar as bases sociais do projeto ético-político do Serviço Social brasileiro que reside fundamentalmente no protagonismo da classe trabalhadora e em suas lutas e formas de resistências. O enfrentamento do neoconservadorismo no seio profissional precisa ser colocado no campo político, pois exige organização política das nossas entidades, bem como a articulação de nossas pautas de lutas com todas as forças progressistas. O que envolve o conjunto da classe trabalhadora. Isso é importante, porque precisamos ter clareza dos limites que envolvem a profissão e, assim atribuir visibilidade ao projeto ético-político em sua relação com o projeto societário. Também, é importante considerarmos que o avanço

das tendências conservadoras e irracionais sobre a profissão é amplamente favorecida com a precarização das condições de trabalho e da formação profissional, que engendram uma consciência alienada e produzem comportamentos pragmáticos. Fato que demonstra que a profissão não está imune à essas tendências e investidas do capitalismo contemporâneo, aliás nunca esteve, mas elas se espraíam de diversas formas no seio profissional. Na atualidade preservar o legado conquistado com III CBAS pela profissão é imperativo ético-político central.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. *Privilégio da servidão*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BARROCO, Maria Lúcia. *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos*. São Paulo. Cortez, 2001.

_____. *Ética: fundamentos sócio-históricos*. São Paulo. Cortez, 2008.

_____. Direitos humanos, neoconservadorismo e neofascismo no Brasil contemporâneo. In: ____ *Serviço Social e Sociedade*. São Paulo: Cortez, n. 143, p. 12-21, jan./abr. 2022.

BARROCO, Maria Lúcia; TERRA, Sylvia Helena. *Código de ética do/a assistente social: comentado*. São Paulo. Cortez, 2012.

BRITES, Cristina Maria; BARROCO, Maria Lúcia. *Serviço Social e ética profissional: fundamentos e intervenções críticas*. São Paulo. Cortez, 2022.

BEHRING, Elaine Rossetti. *Fundo Público, Valor e Política Social*. São Paulo: Cortez, 2021.

CHESNAIS, François. As raízes da crise econômica mundial. *Revista em Pauta*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 21-37, jan./dez. 2013.

CAMARGO, Maria Angelina B. C. A. Relações e condições de trabalho do assistente social na atualidade: a proletarização da profissão. *Revista Serviço Social & Sociedade* n. 142, São Paulo: Cortez, 2021.

EVANGELISTA, João Emanuel. *Teoria social e pós-modernismo: a resposta do marxismo aos enigmas teóricos contemporâneos*. Cronos, Natal-RN, v. 7, n. 2, p. 271-281, jul./dez. 2006.

ESCORSIM NETTO, Leila. *O conservadorismo clássico*. São Paulo: Cortez, 2011.

ELPÍDIO, Maria Helena. Preparando a “Virada”: a contribuição do CELATS no

redimensionamento da organização e formação profissional do Serviço Social brasileiro. In: Iamamoto, Marilda; SANTOS, Cláudia Mônica (Orgs). *A história pelo avesso*. São Paulo: Cortez, 2021.

FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5 ed. São Paulo: Editora Globo, 2006.

IASI, Mauro L. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

IAMAMOTO, Marilda. *Renovação e conservadorismo*. São Paulo: Cortez, 1997.

IAMAMOTO, Marilda; CARVALHO, Raul. *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1998.

LUKÁCS, Georg. *Para a ontologia do ser social*. Vol. 14. Maceió: Coletivo Veredas, 2018.

_____. Marx e o problema da decadência ideológica. In: *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. *El asalto a la razón*. Barcelona/México: Grijalbe, 1968.

MARCUSE, Herbert. *Razão e revolução*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. Extratos d'O Capital. In: NETTO, José Paulo (org.). *O leitor de Marx*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MÉSZÁROS, Istvan. Marxismo e direitos humanos. In: *Filosofia, ideologia e ciências sociais*. São Paulo: Ensaio, 1993.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo monopolista e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Transformações societárias e Serviço Social: notas para uma análise prospectiva do Serviço Social no Brasil. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 50, 1996.

_____. *Ditadura e Serviço Social*. São Paulo: Cortez, 1998.

RODRIGUES, Mavi. Serviço Social em tempos de conservadorismo reacionário: contribuições para análise. In: CRES/PB; Universidade Federal de Pernambuco. (Org.). *Crise capitalista, Serviço Social e realidade brasileira: reflexões e perspectivas no contexto da pandemia*. 01ed.: Editora UFPE, 2021, v., p. 47-57.

TRINDADE, José Damião. *História social dos direitos humanos*. São Paulo: Peirópolis, 2002.

YAZBEK, Maria Carmelita. Fundamentos históricos e teórico-metodológicos e as tendências contemporâneas no Serviço Social. In. Guerra, Yolanda [et al.] (Org.). *Serviço Social e seus fundamentos: conhecimento e crítica*. Papel Social: Campinas, 2018.